



The Symbolist Movement in Literature

Arthur Symons , Matthew Creasy (Editor)

Download now

Read Online →

The Symbolist Movement in Literature

Arthur Symons , Matthew Creasy (Editor)

The Symbolist Movement in Literature Arthur Symons , Matthew Creasy (Editor)

First published in 1899, *The Symbolist Movement in Literature* was a highly influential work of criticism, and served to introduce the French Symbolists to an Anglophone readership. Symons' interest in writers such as Verlaine and Mallarmé puts him at the heart of contemporary debates about Decadence and Symbolism in fin-de-siècle literature; but his work was also a formative influence on modernist writers such as Joyce, Eliot, Pound and Yeats, helping to shape the role of the Image in modernist writing. This new critical edition makes available a key text that has been out of print for over 50 years. It includes an introduction, chronology and notes, together with appendices presenting the full text of Symons' essay 'The Decadent Movement in Literature' and a selection of his translations of French poetry.

The Symbolist Movement in Literature Details

Date : Published June 26th 2014 by Carcanet (first published 1899)

ISBN : 9781847771254

Author : Arthur Symons , Matthew Creasy (Editor)

Format : Paperback 336 pages

Genre : Poetry, Literature, Criticism, Literary Criticism, Nonfiction, Classics, 19th Century

 [Download The Symbolist Movement in Literature ...pdf](#)

 [Read Online The Symbolist Movement in Literature ...pdf](#)

Download and Read Free Online The Symbolist Movement in Literature Arthur Symons , Matthew Creasy (Editor)

From Reader Review The Symbolist Movement in Literature for online ebook

Tiago Filipe Clariano says

É um roteiro da literatura simbolista que elege alguns dos nomes cujos projectos poéticos mais contornos deram a esta gaveta de literaturas.

Para explicar o movimento, Symons baseia-se na arbitrariedade linguística estruturalista acabando por justificar que tudo o que é linguagem é símbolo, furando o próprio pé. Enquanto objecto estético, enquanto beco sem saída de toda a linguagem e toda a literatura, o símbolo procede a ser equacionado a obscurantismo, dificultando novamente a compreensão da sua fenomenologia. Fala-se de incorporação do infinito, de moral literária, de coisas que não me parecem descrever bem mas esta dificuldade descritiva não me assimilar-se aos efeitos de uma margem de erro estatística: não é por alguns se desviarem do padrão que deixam de fazer parte deles, o caso aqui é não haver elementos que o padronizem. Diz-se que a forma sempre apontou à precisão, ao dizer acima do sugerir, mas logo a seguir diz-se que os simbolistas se fartaram da atitude realista de tudo dizer, alegando que nada sobrava para dizer (que falta de visão panorâmica): então, para os simbolistas, é trabalho do leitor adivinhar a sua intenção.

É então atirada uma descrição do que seria, por outro lado, a Decadência: o resultado de perversões da forma e da matéria associadas aos excessos do Parnasianismo que só podiam culminar na degradação do próprio conceito de arte, uma decadência. Então, para o simbolismo, a forma deve ser "cuidadosamente elaborada", nada o que o Barroco não tivesse feito antes, e a justificação encontra-se na proximidade de um verso de Verlaine ao cantar de um pássaro e os versos de Mallarmé ao som de uma orquestra: portanto, os poetas continuam a imitar e a não fazer nada de novo; mas em Villiers de l'Isle-Adam o drama é uma encarnação de forças espirituais e para Maeterlinck o oposto de uma encarnação, o esvaziar do remoto som da voz. De certo modo, vê-se o simbolismo como um progressivo caminho em direcção à condição artística da música, onde forma é indistinta de conteúdo e se constitui como pura conotação sem denotação possível.

O que se pode dizer é que esta constrição da música ao discurso é tendencial à época, ao fin-de-siècle, e que a má interpretação sintáctica (já constringida pelas cedências que uma linguagem tem de fazer para se constituir como música) de elementos pouco gramaticais e puramente estéticos levou a crítica a solucionar o problema estético com um recurso à noção de símbolo.

É interessante pelas curiosidades a respeito da estilística dos poetas e mesmo detalhes de vidas privadas: Gérard de Nerval tinha uma lagosta que passeava nas ruas do Palais-Royal com um laço azul porque "não ladrava e conhecia os segredos do mar"; Villiers de l'Isle-Adam era tão obcecado com a sua própria aristocracia que se cria um continuador das cruzadas, Rimbaud apaixonou Verlaine e o mundo para se considerar demasiado bom para continuar a ser poeta, Verlaine era uma pessoa extremamente alegre e apaixonada pela vida, com a cara de um sonâmbulo, Jules Laforgue declarou brilhantemente "Il n'y a pas de type, il y a la vie", Mallarmé era tão cheio de si mesmo que a sua vida privada era dar conferências públicas, Huysmans escreveu coisas maravilhosas no início da sua carreira poética que só compreendeu no fim e Maeterlinck contribuiu para a dificuldade que é lidar com pessoas que pensam que o seu silêncio diz alguma coisa.

A conclusão é uma tentativa de ensinar uma lição de como viver a vida à maneira de Walter Pater e pede que se ignorem todos os elementos da estética simbolista (substituições, crenças religiosas em ligações, tendências para piorar, misticismo do silêncio) para se poder acreditar numa felicidade ou no alcançar de alegrias no nosso dia-a-dia. Pareceu-me contraditório para com o resto do livro.

Maxwell Foley says

Really quirky. Symons gives brief outlines of several figures involved in, well, the Symbolist movement in literature, only he seems somewhat disinterested in these authors' biographical details, or even discussing the specifics of their works. Instead, he discusses at great length what he believes to be these authors' unique spiritual persuasion - their orientation towards the universe and the divine. There was something thrillingly eccentric about this, though I think if it was any longer it would have gotten very tiresome.

Micha says

Another bit of essential reading for my thesis, but not the kind of thing I'd stick out for miscellany. Does make me think how lucky I am that so much of my prospectus book list is stuff I genuinely care about and would read even if I didn't have to write dozens of pages about.

J. Alfred says

Very good, very interesting in a number of ways. Firstly, probably, you've heard of it because TS Eliot apparently formed his conception of the type of poetry he wanted to write from it. That makes it pretty important in the history of literature.

Secondly, its subject matter, the French literature of the 1800s, is something that you may not know anything about. This, in addition to supplying you with a helpful reminder of the importance of humility, will also serve as a memorable bridge to your eventual contact with the authors he writes about.

Third, the writing is so clear and forthright, it will sweep you along with it even if you happen to know no French, which is helpful in that long passages remain in the original. The introduction and conclusion are worth reading in their own right as a commentary on the --what's the phrase-- fin de siècle and how it looked and felt to the people living through it. They even have what seems to me to be a very workable, livable philosophy of art and life given in about twenty pages.

Craig says

Gets a little theosophistic at times, but it's easy to see why Eliot and his contemporaries were so enthralled by the first edition of Symons' book. Especially interesting to read a contemporary poet's opinions on Rimbaud just a few years after his death, even if those remarks haven't aged particularly well in the intervening century.

Book Wyrms says

Less the collection of essays I imagined and more a series of love letters to Symbolist writers, Symons writes eloquently and at times unbearably passionately, particularly about Joris-Karl Huysman and Paul 'wife and lover abandoning drunkard' Verlaine.

Symon's writing is beautiful and I've already crafted my 'to read' list from his praising recommendations. It's surprisingly amusing in places. Watching (1908) Symons' linguistic acrobatics as he's forced, for the sake of clarity and fact, to allude to Paul 'I beat my wife and shot my boyfriend' Verlaine's homosexuality is funny and terribly British. His one negative piece, on Emile Zola, is gloriously critical and dripping with vicious sarcasm. I've yet to read Zola, but I've noticed his name pop up as some form of nemesis to French Symbolists (both for literary objections and some horrible anti-semitic feeling against him for defending Alfred Dreyfus), so this seems a perfect place to add this poster for the mostly Symbolist Rose + Croix Salon, which seems to perfectly sum up their feelings on the writer:

That's Zola's head.

Manuel says

(3,5)

Megan says

Introduction and Chapter 1

Steven Felicelli says

one of the least read and most important books in (affecting) literary history
